

Aula como fantasia

Class as fantasy

Miriane Cupini Pedarsini¹, Fabiane Olegário².

Resumo

O presente artigo trata de pensar as fantasias de escritas em uma aula. Apresenta referenciais teóricos, como o pensamento de Barthes (2005, 2013a, 2013b), para pensar a fantasia, e de Corazza (2012), Munhoz e Costa (2013), para pensar nos movimentos de uma aula. O objetivo deste artigo é perceber como uma aula pode ser constituída em meio às fantasias. Para isso, toma o método inventivo como propulsor para as fantasias de aulas mediante a escrita, pois as ideias de fantasia que Barthes apresenta são fundamentais para se desejar uma aula de fantasia, pensar em uma aula que não tem início nem término, pois talvez estejamos sempre no meio dela. O artigo não busca apresentar uma aula ideal e verdadeira, mas, ao contrário, mostrar outras possibilidades para uma aula, isenta de modelos e padrões predefinidos. Se uma aula está em todo lugar, é porque é atravessada de fantasia. É uma aula viva e potente de criação das fantasias de escritas. Nesse sentido, uma aula é fantasia.

Abstract

This paper focuses on fantasies written in class. It resorts to theoretical references such as Barthes (2005, 2013a, 2013b) to think about fantasy, and Corazza (2012), Munhoz and Costa (2013) to think about the movements of a class. The aim of this paper is to perceive how a class can be constituted amidst fantasies. In order to do that, the inventive method has been taken as a trigger for class fantasies by means of writing, since Barthes' ideas of fantasy are fundamental to both trigger the desire for a fantasy class and think about a class that has neither a beginning nor an end, as we may be always in the middle of it. The paper does not attempt to present an ideal, true class; rather, it aims to show other possibilities for a class, one that is exempt from predefined models and standards. If a class is everywhere, that is because it is permeated with fantasy. It is a living class and a powerful creation of writing fantasies. In this sense, a class is fantasy.

Palavras-chave: Aula. Fantasia. Método Inventivo.

Keywords: Class. Fantasy. Inventivemethod.

Introdução

Este artigo trata de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari (Univates) em Lajeado (RS/Brasil). Neste estudo, propomo-nos a pensar em uma aula tomada pela fantasia, considerando a problemática: como uma aula pode ser constituída em meio à fantasia?

¹ Estudante do curso de Pedagogia, Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, mirianepedarsini@hotmail.com.

² Mestre em Educação, Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, fabiole@univates.br.

As temáticas norteadoras deste estudo foram a aula e a fantasia. A primeira seção do artigo, denominada “Método inventivo”, destaca o método utilizado no estudo, a partir da teorização de Barthes (2005, 2013a, 2013b), em que a fantasia entra como um disparador desse método. Também destaca recortes de vida de quatro autores: Comenius, Rousseau, Kant e Freire, bem como formas de pensar na educação. A partir disto, o artigo possibilita fantasias de aulas com esses mesmos autores. Na segunda seção, intitulada “O que cabe em uma aula de fantasia?”, utilizam-se referenciais teóricos, como Corazza (2012) e Munhoz e Costa (2013), para problematizar a constituição de uma aula.

Ao tomar-se o método inventivo, a fantasia entra como procedimento desse método e a escrita como um trampolim para as fantasias de escritas de uma aula. O que defendemos é uma aula que seja potente de fantasia, de criação.

O artigo vai se compondo com os textos, os artigos, os pensamentos, os autores, as vivências do dia a dia. Tomamos emprestada de Deleuze (1988) a definição por ele dada de encontros, ressaltando que:

[...] não se têm encontros com pessoas. As pessoas acham que é com pessoas que se têm encontros. É terrível, isso faz parte da cultura, intelectuais que se encontram, essa sujeira de colóquios, essa infâmia, mas não se tem encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música, assim entendo o que quer dizer um encontro. Quando as pessoas querem juntar a isso um encontro com elas próprias, com pessoas, não dá certo. Isso não é um encontro. Daí os encontros serem decepcionantes, é uma catástrofe os encontros com pessoas (DELEUZE, 1988, p. 11-12).

Nesse sentido, a fantasia atuou como propulsora de novos encontros. Ela é vista como um trajeto da pesquisa, pois os fragmentos que mais criaram movimentos potentes para a realização da pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso foram os encontros inesperados que afetaram, de algum modo, as pesquisadoras e que assim possibilitaram novos movimentos com o pensamento.

1. Método inventivo

O método inventivo, apresentado neste artigo, dá-se mediante a criação potente de escritas fabuladas sobre a temática de uma aula, permitindo-se atos de fantasia. Este método não se compõe de coletas de dados, análises e comparações de elementos; assim, não busca verdades e resultados.

O método da invenção “[...] não pode ter por objeto senão a própria linguagem, à medida que ele luta para baldar todo o discurso *que pega*: e por isso é justo dizer que esse

método é também ele uma ficção” (BARTHES, 2013a, p. 44, grifo do autor). Conforme Barthes (2013a), o método da invenção é uma tentativa de fazer com que os discursos verdadeiros sejam fracassados, pois é a partir das tentativas de fantasias, de criação, que se deslocam as certezas legitimadas como a verdadeira linguagem. Assim, o que se quer durante o trabalho é apresentar possibilidades de fantasias de uma aula, uma força que se quer seguir por outro fluxo, aquele de ensinar por meio da fantasia.

A fantasia “[..] tende a se alargar, a se ultrapassar, a se sublimar [...]” (BARTHES, 2005, p. 27). Ela é um desejo pulsante em que as mãos, os olhos, os ouvidos, enfim, o corpo todo estremece, pois esse corpo é sensível, ele é linguagem. A fantasia arrisca-se a transitar em um mundo que talvez nem seja o que se espera. Ela remete “[...] talvez [a] uma força terrível, imperiosa, corajosa, de *de-cepção*” (BARTHES, 2005, p.139, grifo do autor), assumindo vias em que o desejo e o imaginário do fantasiador são os principais propulsores para propiciar fantasias de escritas. O fantasiador, por sua vez, necessita estar disponível a essas aberturas; caso contrário, não há viabilidade de novas fantasias de escritas.

Tudo pode ser possível para compor uma fantasia. Conforme Costa (2010, p.14), “tal processo é, até mesmo, capaz de indicar um verdadeiro método de criação: tomar um material qualquer (palavras, sons, imagens, sintaxe, cores) e extrair um bloco de sensações que ultrapassa o limite no qual nossas percepções se constituem através das experiências vividas”. Podemos perceber que fantasiar é extrapolar as experiências. Não qualquer experiência, mas aquela que, segundo Larossa (2002), vai abranger além do simples ato de experimentar; é aquilo que passa e perpassa pelo sujeito, é aquilo que afeta, que deixa marcas, vestígios e fissuras na identidade do sujeito. Por conseguinte, são essas as experiências que nos permitem fantasiar – “sensação palavra-coisa” (COSTA, 2010, p.20).

Fantasiar uma aula, desse modo, é desviar do que já está estruturado de determinado jeito. É sustentar que cada aula é uma aula e não qualquer aula. Uma aula de fantasia não quer seguir por um caminho já traçado; ela quer que, a partir desse caminho tido como verdade, algo potente se vivifique: desejos, fantasias, sensações, encontros.

Fantasias de aula com alguns comentadores

A seguir, o texto toma quatro autores – Comenius (séc. XVI e XVII), Rousseau (séc. XVIII), Kant (séc. XVIII e XIX) e Freire (séc. XX) – que foram e continuam sendo importantes na Educação e na Pedagogia, a fim de fantasiar aulas com eles. Vale ressaltar que

o estudo dos autores é de suma importância para podermos compreender como a história da educação foi alcançando algumas marcas significativas ao longo dos tempos.

Ao pensar a fantasia como procedimento do método de invenção, ela se torna potente para a escrita. Primeiramente, apresentam-se, neste estudo, recortes de vida dos autores, assim como o modo como cada autor escolhido compreendia a educação. Esses aspectos são fundamentais para a invenção das aulas fantasiadas que seguem na escrita do estudo. É nesta organização, então, que a seção vai se apresentando.

Pensamentos de Comenius

João Amós Comenius, nascido em 28 de março de 1592 em Nivnitz, Morávia, e falecido no dia 15 de novembro de 1670, em Amsterdam, é o Pai da Didática Moderna. Seu principal livro é *Didática Magna*, escrito de 1621 a 1657 (século XVII). A utopia comeniana é universalização do ensino, ou seja, “ensinar tudo a todos” (COMENIUS, 2011, p. 13).

A homogeneização é um fator que se faz necessário para o ideal de Comenius, pois todos têm capacidade para aprender e o ser humano precisa da escolarização (NARODOWSKI, 2006). Comenius aponta que o homem será sempre formado em busca da ordem, com a ideia de homogeneização, segundo a qual a educação precisa de metodologia e de professores que ensinam todos da mesma forma e no mesmo tempo, destacando-se que esse é o topo da educação.

Uma aula comeniana

Ana Carolina: professora, responsável por todo o processo de ensino do aluno.

C: aluna de família da alta sociedade, elegante, vem à escola sempre com seus pais.

J: aluno de classe baixa, humilde, usa uma camisa e calça comprida.

P: aluna negra, tímida, de classe média.

T: aluno da classe média, agitado e vaidoso.

Ana Carolina entra em sua sala de aula com seu planejamento [...]

- Por favor, todos abram seus livros, página 147, leitura silenciosa e, após, exercícios nas duas páginas seguintes. Daqui a 30 min, serão corrigidos”[...]

[...] A professora continua a normativa (Trechos da aula 1).

Recortes sobre Rousseau

Jean-Jacques Rousseau foi um filósofo; nasceu em Genebra, Suíça, no dia 28 de junho de 1712, e faleceu em Ermenonville no dia 2 de julho de 1778. A seguir, são esboçadas algumas contribuições de Rousseau, no século XVIII (1701-1800), para se pensar uma aula.

Streck (2008) diz que, para Rousseau, a educação não é fixa e tem diferentes percursos, voltados aos movimentos da sociedade, que se dão em rede. As ideias de que os espaços sejam democráticos e de que se descubram novos pesquisadores também partem de Rousseau, bem como a ideia de que a educação não ser uma utopia, mas ser “peregrina” (STRECK, 2008, p. 84), que cruzam limites. Uma educação de sentidos (STRECK, 2008, p. 35) desperta “[...] na criança o desejo de aprender. Despertando esse desejo, qualquer método fará o resto porque teremos uma criança curiosa, apta a fazer perguntas” (STRECK, 2008, p. 37).

Fabulação de uma aula ao modo de Rousseau

[...] Marina, ao entrar na sala com a turma, apresenta uma caixa fechada. Instiga seus alunos a adivinharem o que os desafia naquela caixa. Ao abri-la, não responde aos seus alunos o que de fato é, deixando que eles mesmos chamem do que quiserem. Naquele primeiro momento, apenas a exploração do material era importante. Eles não tinham nenhuma necessidade de saber exatamente qual seria o nome correto daquilo.

Um aluno, então, questiona a educadora:

- Quando vamos usar a folha do caderno?

Marina, com sensatez, responde:

- Mais tarde, iremos utilizá-la!

E dá continuidade à aula [...] (Trechos da aula 2).

Passagens de Kant

Immanuel Kant foi um filósofo alemão que nasceu em Königsberg, na Prússia Oriental, no dia 22 de abril de 1724, e faleceu em Königsberg, no dia 12 de fevereiro de 1804, aos 79 anos.

Kant buscava responder as perguntas que os seres humanos queriam conhecer, para ver até onde os nossos conhecimentos podiam chegar. Segundo Dalbosco (2011), Kant vinculava essas questões ao campo das experiências, estas dadas pela razão pura de nosso pensamento, como podemos ver: “[...] *Crítica da razão* pura procura limitar o emprego da razão pura ao âmbito da experiência possível” (DALBOSCO, 2011, p. 53, grifo do autor).

Conforme o mesmo autor, cada sujeito possui uma estrutura, transcendental, pela qual permite a sensibilidade e o entendimento das coisas do mundo.

Dalbosco (2011) ainda ressalta que a razão pura vai além das experiências, atingindo as ideias. De acordo com o autor, “[...] as ideias da razão pura abrangem tudo aquilo que está fora do vínculo entre intuição e conceito, e, portanto, que vai além do âmbito da experiência” (DALBOSCO, 2011, p. 55). Ressalta-se, assim, que as ideias não fazem parte dos objetos, e sim dos pensamentos, pois, se a experiência não acontece, o pensar é possível.

Fantasia de uma aula com Kant

[...] Cada grupo foi levantando hipóteses e descrevendo tentativas. As crianças tentavam virar a garrafa, sacudir, deixar a tampa aberta e fechada, apertar a garrafa, fazer pressão na água... Enquanto isso, a professora instigava os alunos a novas experiências com a construção do submarino.

O objetivo da professora não era que as crianças identificassem e definissem os objetos e o nome científico do conteúdo que estavam estudando, mas que elas construíssem novas definições, novos conceitos daquilo que elas estavam realizando, a partir dos conhecimentos a priori delas[...] (Trechos da aula 3).

Elementos para uma aula com Freire

O educador Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 no Recife e faleceu em 2 de maio de 1997 em São Paulo. Formou-se em Direito, mas tinha preocupação com a educação dos adultos. Uma de suas principais obras é *Pedagogia do Oprimido* (2005), na qual destaca que o homem precisa transformar-se em um sujeito da realidade histórica na qual se insere, bem como lutar pela liberdade da crença de seu povo.

Freire (2005) prezava, de fato, era por uma educação dialógica, uma pedagogia da libertação, em que há interação, diálogo, e o conhecimento se dá em conjunto, na troca de saberes. Havia um olhar voltado ao contexto social da realidade; o aluno é capaz de construir seu conhecimento, mas o professor torna-se alguém indispensável neste processo, pois ele de fato é quem dá a organicidade ao saber, conectando as informações que o próprio aluno traz. O professor, então, é um mediador.

Fantasia: Uma aula freiriana

[...] Neste dia, o professor mediador convidou as crianças para investigarem o efeito que o lixo existente no parque tinha para elas e as pessoas da comunidade. Além de pesquisas, as crianças também tiveram que realizar entrevistas com seus familiares. Ele ficou auxiliando seus alunos quanto às informações que estavam sendo resgatadas e fazendo conexões com o conteúdo[...](Trecho da aula 4).

Alguns passos para novos deslocamentos

Chegando ao final das fantasias com os autores Comenius, Rousseau, Kant e Freire, podemos pensar nos encontros que acontecem nas aulas. Na aula de Comenius, fica claro como a homogeneização, o fato de ensinar a todos sem distinção de classe, está presente. A ordem e a disciplina são vistas na forma como a professora as impõe frente àquela determinada turma. Em Rousseau, o que se expõe é uma educação de sentidos, em que o sujeito seja um ser pensante. Já na fantasia de aula com Kant, fica explícito que o ensino parte das experiências dos sujeitos e que é a partir delas que se chega ao conhecimento. Fantasiar uma aula com Freire é pensar em um professor como mediador, em que o conhecimento se dá pelas relações, pela troca de saberes. Há uma necessidade de a realidade social estar presente no dia a dia da escola, pois primeiro os sujeitos se conscientizam a partir dela, para depois conseguirem intervir na sociedade em que estão inseridos.

Ressalta-se, então, que alguns desses encontros destacados acima, com esses quatro autores, ainda se concebem no século XXI.

Nosso pensamento foi sendo construído com inúmeras contribuições. Nessa direção, consideramos relevante poder pensar como de fato ele foi construído. Problematizar por que acreditamos em certas situações relacionadas à educação e por que pensamos desta forma, e não de outra, é fundamental para que possamos suspeitar de algumas verdades que constituem o campo educacional, como pensar uma aula e de que modo ela é pensada por nós e pelos outros.

2. O que cabe em uma aula de fantasia?

Nesta seção, o artigo aproxima-se do acontecimento de uma aula que potencializa a fantasia – pensar que aula é essa e o que ela carrega para ser uma aula. Vale ressaltar que o estudo não quer fazer algum juízo de valor frente às imposições de uma aula; o que se quer é

problematizar aspectos da aula. Somos constituídos de verdades únicas e supostamente dadas, embora não haja como dizer que essas verdades são impostas, pois ajudamos a produzi-las.

Quando alguém nos fala algo ou pensamos em um objeto, uma ação, um fato, prontamente nossa consciência, por meio do pensamento, cria conexões que delimitam uma imagem que remete a uma determinada palavra. Essa produção de verdades esbarra nos “entendimentos que construímos acerca das ‘coisas’ do mundo, sejam elas objetos, pessoas, lugares ou sentimentos, estão carregados das nossas concepções culturais, nossos princípios, crenças e experiências vividas” (HATTGE; KLAUS, 2014, p. 328-329). Quando se fala em aula, o que vem à nossa mente? Professor, aluno, conhecimento, “[...] horários, regras determinadas, espaço e tempo demarcados; locais em que os alunos estão todos os dias (salas de aula, laboratório, bibliotecas) numa mesma rotina (exercícios, perguntas, avaliações, aprovação, reprovação)” (MUNHOZ; COSTA, 2013, p. 61).

Não apenas a aula, mas tudo está predeterminado. Entretanto, esses significados prontos que nos constituem são atravessados pelas linhas de fuga e criam algumas brechas. Linhas de fuga, conforme Deleuze e Guattari (2011), fogem do que está selado, do que tem um ponto final, da unidade. Segundo os autores, as linhas de fuga abrem-se, produzindo novas formas de ver o mundo, o que não tínhamos sequer pensado ainda. Deleuze e Guattari (1996) ressaltam que essas linhas provocam rupturas e são praticáveis pela criação e invenção. As linhas de fuga lançam-se ao desconhecido, ao intenso e às novas composições, pelo fato de sempre haver algo diferente quando há uma saída de posição (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Nesse sentido, o desafio é criar linhas de fuga a partir da reinvenção de outras maneiras de ser, de ver, de falar, de sentir. Pensando-se as linhas de fuga como uma abertura para a fantasia, as experiências fazem-se necessárias para possibilitar tentativas de fantasias.

A fantasia permite ao pensamento novas experimentações. Barthes (2013b, p.35) expõe a fantasia como um “[...] roteiro, um roteiro estilizado, [...] projetor incerto que varre, de modo entrecortado, fragmentos de mundo, de ciência, de história – de experiências”. É neste trajeto de incerto que o pensamento vai se estilizando, se arriscando a compor novas experiências com a fantasia.

Nesse sentido, cada aula é uma aula! Não há um modelo enclausurado dizendo que a aula precisa ser sempre igual. Corazza (2012) escreve que:

É um equívoco o professor acreditar que, para fazer uma aula, basta ele entrar na sala, fechar a porta, e dar a aula que quiser. É um erro o professor achar que a sua aula é inexistente; e que ao fazê-la, poderia reproduzir uma aula que já funcionara como modelo exemplar. O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula,

mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor (CORAZZA, 2012, p. 23).

Corazza (2012) assinala que, assim como os alunos, o professor também está cheio de bagagens: de livros, dos planos de trabalho, do currículo, da vida em si, da didática, de subjetividades, enfim, de clichês que produzem modos de ser e agir nos sujeitos. Embora seja em meio a esses estereótipos que uma aula acontece, ela vai além, ela transborda: “[...] o inédito em nós, o pequeno fragmento inexplorado de nós mesmos, a parcela de intensidade ainda não experimentada, a pequena sensação que não se prestou ao esgotamento” (MUNHOZ; COSTA, 2013, p. 63).

Barthes (2013b, p. 329-330) nos faz pensar que o espaço da aula não é qualquer forma de “viver junto”, mas sim um tipo específico, em que “[...] a coabitação não inclui a liberdade individual”. É neste meio que a vida de cada sujeito encontra o seu próprio lugar. Um espaço que convida ao saber, desafiando o sujeito a uma relação com sua cultura, sempre com um olhar atento e de desconfiança para as formas discursivas consideradas verdadeiras. O espaço de uma aula exige desacomodação dos sujeitos de forma integral, pois a expressão “viver junto” (BARTHES, 2013b, p. 329) potencializa a experimentação singular do sujeito.

E é assim que uma aula pode produzir encontros. Um encontro com algo impensado, mas potente de indagação. Ora com o canto de um canário... Ora debaixo da árvore de chorão... Ora no embalo daquele balanço... Ora no suspiro de minha alma... Ora em um museu... Ora na casa de meus avós... Ora... ora... ora... Sendo assim, “nada garante a intensidade de um encontro, aliás, de não saber como será o encontro com as escritas e com as pessoas e tampouco por onde começar, nesse sentido é preciso lançar os dados” (OLEGÁRIO, 2011, p. 7).

Pensa-se em um professor, uma vez que ele cria “[...] regras próprias de ação, para desorganizar e deformar os dados de aplicação de forças, valorização e valores, jogos de verdade, vontade de ser, saber e poder; tendo entrado de cabeça e saído voando da aula-clichê; o professor tem – agora sim – a sua aula” (CORAZZA, 2012, p. 27). Quando o professor, ou qualquer ser humano, se deslocada aula-clichê, o pensamento desacomoda. Logo, o professor é forçado a novas experimentações, e assim o pensamento consegue fazer outras conexões além das verdades estabelecidas.

Conforme Barthes (2013a), uma aula é uma excursão na qual a fala e a escuta são:

[...] semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior do qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que deles se faz (BARTHES, 2013a, p. 45-46).

É nesse movimento de idas e voltas, de desejos e de fantasias, que nada está dado em um único caminho, há desvios. Estes em que o corpo se aventura, se experimenta e se descobre, com ele mesmo e com o corpo do outro, que às vezes se lança junto dele. Um dos desvios é desviar da aula-clichê. A fantasia entra como possibilidade de ultrapassar as regras prontas, os modelos.

Conforme Adó (2017, p. 4), pensar a educação é pensar um campo de experimentação e de criação, mediante uma “prática de leitura”, que nunca é feita de forma isolada e neutra. O aluno, aqui, não é um sujeito paciente que não possui nenhum conhecimento; ele carrega consigo uma bagagem, tanto de sentimentos quanto de conhecimento cultural, agregados à sua vivência diária.

Nesse viés da docência como “experimentação criadora” (ADÓ, 2017, p. 5), o autor ressalta que tal experimentação parte de algo que perdura, ou seja, daquilo que fica do objeto que foi investigado. Ao relacionar-se a experimentação com o método da invenção, também se percebe que o procedimento utilizado como meio para esse método, a fantasia, não se alicerça no todo, mas em um resíduo. Porém, essa experimentação depende das condições sociais, culturais e históricas de cada sujeito para haver uma reconstrução, um novo encontro com o resíduo que perdurou, sendo que, muitas vezes, ele parte de algo inusitado, imprevisto.

As conexões estabelecidas neste estudo são voltadas a uma experimentação da errância, em que se experimenta, se erra e se tenta novamente. Isso para produzir e criar novos encontros para possibilitar uma aula – uma aula única, para a qual não existe uma receita a ser seguida.

Considerações finais

Aula e fantasia? Aula como fantasia! A experimentação das fantasias de escritas foi potente para potencializar uma aula viva. Uma aula única, singular, cheia de fantasia, pois uma aula é constituída de fantasia.

No que se refere às fantasias de aula, o estudo não quer mostrar um ideal, nem como deve ser uma aula, mas um reinventar que seja capaz de desviar as verdades de uma aula. O artigo, assim, deu-se de forma aberta, em que diversos fragmentos da vida foram compondo escritas, afetos e desejos frente à constituição de uma aula.

Pensar a fantasia é aproximá-la mais do lado do fracasso do que do sucesso, pois uma aula nunca será exatamente igual ao que o professor havia ensaiado, planejado, uma vez que uma aula já está carregada de verdades que vão constituindo-a e modelando-a. Muitas coisas podem acontecer em meio a uma aula, inclusive desvios que nos levam a algo potente, propulsor de novos encontros.

Nesta reflexão, a fantasia foi disparadora para novas escritas fantasiadas. Este estudo proporcionou outros trajetos possíveis para uma aula. Trajetos que também se aliam na prática docente das pesquisadoras no decorrer da pesquisa realizada para a composição deste artigo.

Olhando para as fantasias de aula, mesmo ressaltando que o estudo não se lança a comparações ou análises, já que o objetivo era compreender como uma aula pode ser constituída em meio à fantasia, não há como simplesmente ignorar as verdades dadas frente a uma aula. Porém, talvez se possa sinalizar que uma pétala caiu, que o vento a levou e que ela pode abrir-se novamente, em outra direção. Uma direção capaz de criar com tudo isso, de desviar do que já está dado e selado.

Foram necessárias a sensibilidade no olhar e no pensamento e a coragem para experimentar-se enquanto fantasiador de uma aula. Que consigamos nos possibilitar fantasias. Fantasias de uma aula. Fantasias de escritas.

Referências

- ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Experimentação e criação na docência**: poéticas citacionais. 13 sep. 2017, 22 nov. 2017. 60 p. Notas de Aula. Aula 1.
- BARTHES, Roland. **A preparação do romance I**: da vida à obra. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013a.
- BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France. 2.ed. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b. (Coleção: Roland Barthes).
- BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Revista Paixão de Aprender**. Porto Alegre. 1993. p. 18-23.
- COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. Didática da criação: aula cheia, antes da aula cheia. In: _____. **Didaticário de criação**: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012. v. 3. p. 23-27.

COSTA, Cristiano Bedin da. Acerca das matérias de escrita. . In: CORAZZA, Sandra. (Org.) **Fantasia de escritura**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 9-22.

DALBOSCO, Claudio A. **Kant & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Pensadores & a educação).

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo. USP: 1988. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3. (Coleção TRANS).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HATTGE, Morgana Domênica; KLAUSS, Viviane. A importância da pedagogia nos processos inclusivos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 49, p. 327-340, mai./ago. 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade de Barcelona, Espanha, n. 19, p. 21-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Luciano Bedin da. Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. In: SALES, José Albio Moreira de; FELDENS, Dinamara Garcia. **Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas**. Fortaleza: EDUECE. 2013. p. 61-72.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius & a educação**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. v. 1. (Coleção Pensadores & a educação).

OLEGÁRIO, Fabiane. Cartografia como território dos ensaios. In:_____. **Rastros das linhas menores de escrita**. 2011. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2011.

STRECK, Danilo. **Rousseau & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. v. 5. (Coleção Pensadores & a educação).